



João Caldas

Brecht no Tuca

Denise Fraga traz ao Tuca, de maio a agosto, o espetáculo *Galileu Galilei*, de Bertolt Brecht. "Privilegiando a vida à história, o homem ao herói, este Galileu nos faz acreditar que a história do mundo foi construída por homens que tinham fraquezas e dúvidas misturadas a atos de coragem e clareza", diz. É a segunda montagem do autor alemão que a atriz apresenta no Tuca. Pág. 10

Reconhecimento internacional

A PUC-SP tem quatro campos no ranking de áreas de saber divulgado recentemente pela consultoria britânica Quacquarelli Symonds (QS). O levantamento, que considera critérios como citações de pesquisas, reputação acadêmica e entre empregadores, apresenta a Universidade nas categorias "Arte e Design", "Línguas Modernas", "Educação" e "Comunicação e Estudos de Mídia". Pág. 09



PUC-SP

PUC-SP em Notícias

Jornal mensal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

#73

Ano 6 - Maio 2015

www.pucsp.br



puc_sp



PUCSP.Official



puc_sp

Dengue em Sorocaba Enfermagem auxilia no atendimento à população

Pág. 07



Felipe de Melo / SZS Comunicação

03

Inclusão: Derdic e DRH promovem formatura de aprendizes e colaboradores surdos

04 e 05

Alunos comentam a maioria penal e professores discutem a lei da terceirização

10

Você conhece a história do piano que fica na Biblioteca do campus Monte Alegre?

12

Entrevista do mês: pesquisa de Moacir Assunção recorda a revolta paulista de 1924



Editorial

“O trabalho da Deric reflete a missão da PUC-SP, voltada não apenas à formação, mas também à intervenção social”, diz o professor José Eduardo Martinez, vice-reitor, durante a formatura da turma de aprendizes e colaboradores surdos promovida pela Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (pág. 03). Mas esta edição de **PUC-SP em Notícias** mostra outras ações que expressam tal característica de nossa Universidade. Uma delas é a presença dos alunos de Enfermagem, sob coordenação de professores, nas atividades de combate à dengue em Sorocaba, que sofre com o maior número de casos da doença em sua história (pág. 07). Nesse mesmo sentido, noticiamos a cartilha que estudantes de Fisioterapia prepararam para orientar mulheres que acabaram de se tornar mães, em Barueri (pág. 03), e a cerimônia que celebrou a capacitação dos novos funcionários com deficiência, parceria da DRH com a AACD (pág. 02). Não basta apenas agir: a PUC-SP incentiva a vinculação

entre o ato transformador e a reflexão sobre ele e suas consequências. Assim, destacamos a iniciativa de alunos do campus Sorocaba de discutir a violência doméstica, no projeto *Maria Maria* (pág. 07); e apresentamos a opinião da comunidade sobre dois temas que vêm ganhando espaço na opinião pública e na esfera política: a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que diminui a maioria penal de 18 para 16 anos (seção *Fala PUC-SP*, pág. 04) e o Projeto de Lei 4.330, que permite que as empresas terceirizem não só as atividades-meio como seus principais serviços (seção *Mosaico PUC-SP*, pág. 05).



Na *Entrevista do mês* (pág. 12), o ex-aluno de mestrado e jornalista Moacir Assunção nos conta detalhes da revolta de 1924, que resultou num bombardeio à capital paulista promovido pelo governo federal e parece ter

sido eclipsada, nos livros de História, pela Revolução Constitucionalista de 1932. **PUC-SP em Notícias** traz mais reportagens relacionadas à esfera acadêmica: mostramos duas empresas juniores (FEA e RI, pág. 08), publicamos o depoimento de uma aluna de Teologia acerca do debate sobre família e nova evangelização, no campus Santana (pág. 06), e a aula magna do Pós em Tidd com o professor emérito da Universidade de Toronto, Derrick de Kerckhove (pág. 06).

No quesito internacionalização, duas novidades: o reconhecimento do trabalho de ensino e pesquisa desenvolvido pelas quatro áreas da PUC-SP presentes no ranking das áreas de conhecimento, divulgado em abril pela consultoria britânica QS (pág. 09); e a oferta de disciplinas em inglês para graduandos (pág. 11).

Por fim, uma curiosidade (a história do piano da Biblioteca do campus Monte Alegre, pág. 10) e uma reportagem de cultura (a estreia no Tuca da peça *Galileu Galilei*, de Bertolt Brecht, com Denise Fraga no elenco, pág. 10).

Parceria com AACD Profissionais assumem postos



Thiago Pacheco / ACI

Todos juntos: profissionais com deficiência ao lado de membros da DRH e da AACD

“Não dá para determinar um valor a essa oportunidade”. É assim que Marcos Davison Alves de Lima se refere à contratação, pela Fundação São Paulo, de 19 colaboradores com deficiência para atuar como auxiliares administrativos. Lima foi orador da turma na cerimônia de formatura, na tarde de 30/4, no campus Monte Alegre. A ocasião marcou o fim do treinamento de seis meses do Serviço de Orientação à Empregabilidade da Associação de Assistência à Criança Deficiente (SOE-AACD), parceira da Universidade no projeto, que teve subsídio da Fundação Prada. “Vejo muito futuro nos colegas, os sonhos são muito parecidos”, disse Lima.

O professor Lafayette Pozzoli (chefe de Gabinete da Reitoria), que representou a reitora Anna Maria Marques Cintra, lembrou a luta para incluir a proteção a pessoas com deficiência no sistema jurídico brasileiro. Contou, ainda, sua própria experiência: após abordar o assunto no mestrado, foi convidado a ir a Angola, onde o governo buscava criar uma legislação sobre o tema. Angela Maria Renna

(gerente da Divisão de Recursos Humanos) falou sobre a intenção de fazer os novos colaboradores sentirem “toda a riqueza da Universidade”. Ela mencionou o “aprendizado diário da equipe da DRH com as parcerias para capacitar os funcionários com deficiência, pela AACD, surdos, pela Deric, e cegos, pela Adeva”. Cristina Masiero, coordenadora do SOE-AACD e ex-aluna de Psicologia da PUC-SP, detalhou o curso e ressaltou sua mensagem: assumir a pessoa com deficiência como participante do processo. Já Aline Moraes (secretária parlamentar do gabinete da deputada federal Mara Gabrilli) contou o trabalho que vem sendo desenvolvido não apenas pelo cumprimento da lei de cotas (que estipula a porcentagem de pessoas com deficiência nas empresas), mas pelo incentivo a políticas de valorização da diversidade.

Também estiveram presentes Lydiane Fabretti (psicóloga responsável pelo curso do SOE-AACD), Giuseppe Ulderico Farini (diretor da Fundação Prada) e representantes dos setores dos novos funcionários – que assumiram seus postos em 4/5. **(T. Pa.)**

Fisioterapia

Cartilha orienta novas mães

Três alunos do quarto ano de Fisioterapia elaboraram uma cartilha com informações para mães e seus bebês durante estágio de Fisioterapia em Ginecologia e Obstetrícia na Maternidade. O material esclarece dúvidas e traz dados sobre cuidados no pós-operatório e benefícios da amamentação – incluindo dicas sobre posicionamento, cuidados com as mamas e estratégias para amenizar o desconforto inicial.

“A ideia surgiu para nos auxiliar na orientação às novas mães”, diz Jamine Vasconcelos Martinis, uma das estagiárias ao lado de Henrique Gomes Schaefer e Igor Jamille Lopes. “Utilizamos ensinamento da maioria das disciplinas. E não só na redação, porque a formação humanista da PUC-SP auxilia na abordagem das mães e nos deixa preparados para dúvidas incomuns”, afirma. A experiência prática também foi fundamental, diz, para definir o conteúdo. O estágio foi realizado na Maternidade Municipal de Barueri, de fevereiro a abril de 2015, sob supervisão da professora Juliana Schulze Burti. “Minha avaliação é positiva. Os alunos se empenharam, pesquisaram, fizeram rascunhos, alteraram o que foi solicitado”, declara. “A cartilha contém figuras e dicas que podem mudar uma atitude e tirar equívocos que muitas vezes levariam a atitudes negativas, como interromper o aleitamento por pega ou posicionamento inadequados. Já os alunos aprendem a executar ações eficientes, baratas e com capacidade de sensibilizar muitas pessoas”, finaliza. **(T. Pa.)**



Os alunos que elaboraram a cartilha (da esq. para a dir.): Jamine Vasconcelos Martinis, Henrique Gomes Schaefer e Igor Jamille Lopes

Derdic

Surdos: qualificados ao mercado de trabalho

A Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic) formou, na noite de 15/4, no Tucarena, mais duas turmas de alunos surdos. A 7ª edição do *Programa Aprendiz* capacitou 12 profissionais em parceria com a Tennis Station, e o processo de qualificação para o trabalho, 18 colaboradores da Fundação São Paulo (Fundasp). O vice-reitor José Eduardo Martinez enfatizou o caráter especial do evento: “Hoje a Derdic entrega à sociedade pessoas preparadas para atuar nas empresas. São profissionais que, em outros momentos, talvez estivessem alijados do mercado de trabalho e agora estão prontos para ajudar a sociedade, de igual para igual”. Segundo ele, o resultado do trabalho da Divisão reflete a missão da PUC-SP, voltada não apenas à formação, mas também à intervenção social. A cerimônia contou com a participação, entre outras autoridades, de Jarbas Vargas Nascimento (pró-reitor de Cultura e Relações Comunitárias), Beatriz Caiuby Novaes (superintendente da Derdic), Antonio Antranig Yezeguielian (presidente das redes Tennis Station e Sport City) e Angela Renana (gerente da Divisão de Recursos Humanos). **(T. Pa., com reportagem de Carolina Veneroso, da TV PUC)**



Ana Carolina Navarro

Alunos formados:
os profissionais que atuarão
na Tennis Station...



Ana Carolina Navarro

... e os colaboradores
da Fundasp



Fala PUC-SP

Maioridade penal e violência

Da Redação

O caminho para diminuir a maioridade penal é longo. Após a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovar, em 31/3, a constitucionalidade da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que reduz a idade de 18 para 16 anos, o projeto será discutido por uma comissão especial de deputados. Se confirmada, segue para o plenário da Câmara. Homologada pelos deputados, será encaminhada para a CCJ do Senado e em seguida para o plenário dos senadores. Caso haja alterações na PEC, ela deve passar por nova votação entre os deputados. No entanto, bastou a primeira aprovação da matéria para entidades da sociedade civil, como OAB e CNBB, e a própria presidente Dilma Rousseff, se manifestarem contrários à decisão. Por outro lado, pesquisa Datafolha divulgada em 15/4 aponta que 87% das pessoas são favoráveis à mudança na idade mínima para a responsabilização criminal. Diante do debate, **PUC-SP em Notícias** foi ouvir a comunidade: a redução da maioridade penal vai diminuir a violência? Por quê? Veja abaixo a opinião dos alunos.

Mara Fagundes / ACI



A redução parece vingança, coisa de pessoas que têm raiva e visão imediatista. O problema é muito maior, a medida nunca deu certo em países que reduziram a maioridade. É uma solução superficial para uma situação mais ampla, de segregação e falta de investimento educacional. O centro da questão é o grande abismo social. É preciso empregar recursos para melhorar a educação, mas como se trata de uma ação de longo prazo, ninguém quer fazer.

Carolina Lima, aluna de Psicologia

Mara Fagundes / ACI



A violência iria aumentar. Não há estabilidade nas prisões para colocar crianças, eles entrariam como menores infratores e sairiam como ladrões, traficantes. Se houvesse um local adequado para esses jovens, até poderia reduzir a maioridade, mas com nossa realidade prisional não dá.

Gisele de Paula, estudante de Ciências Sociais

Felipe de Melo / SZS Comunicação



Existe uma realidade, que é a superlotação nas cadeias, além da falta de acesso à educação e conscientização do certo e errado. Querem corrigir um problema com uma solução nada ideal. Se esses jovens forem para a cadeia, é possível que piorem sua conduta. Eles não serão reinseridos na sociedade de forma digna. Não adianta colocar medo, é preciso ajudá-los.

Jean Campos, graduando de Enfermagem

Mara Fagundes / ACI



Acho que a violência não iria diminuir, porque a criminalidade não se enfraquece com a pena que se dá ao menor. A solução é melhorar a educação básica e a transmissão de valores sociais e morais nas escolas.

Gabriel Matos, graduando de Direito

Mara Fagundes / ACI



Avalio que não diminuirá, o tráfico vai aliciar jovens com idades cada vez mais baixas. Sempre há um adulto por trás. Trabalho com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, e vejo que o crime oferece a eles um status que eles não têm. Conheço o caso de uma menina de 16 anos que aos 12 começou a plantar maconha e aos 15 chegou a gerente do tráfico. Há uma situação construída por pessoas que vivem do trabalho desses jovens.

Cristiane Maria da Silva, estudante do Pós em Psicologia Social

Mara Fagundes / ACI



Não vejo como uma questão de idade, mas de educação. Não basta punir, é preciso dar boas condições educacionais para as crianças.

Leticia Oliveti (à dir.), aluna de Tradução: Inglês/Português

Penso nessa mesma linha, e acrescento que a situação não melhora porque nosso sistema prisional não recupera ninguém. Não adianta nada prender, ele vai entrar ruim e sair pior.

Matheus Paulossi (à esq.), aluno de Tradução: Inglês/Português

Felipe de Melo / SZS Comunicação



Não sou a favor, é uma medida paliativa. Ela vai tirar alguns adolescentes do universo do crime, mas não resolverá o problema. Esse é mais um artifício que o governo quer arrumar para não precisar educar a população. Acredito que existam outras formas, como a orientação, para resolver a situação. Afinal, com 16 anos já é possível ter noção do que se está fazendo. O governo deve conseguir alguma forma mais eficaz para ajudar os jovens, e não puni-los.

Lucas Nanni, aluno de Medicina

Mara Fagundes / ACI



Sou contra, não vai diminuir. É um absurdo não ter educação decente no país e querer culpar os jovens. Ele pode cometer um crime, mas a reação violenta dele tem uma razão: a falta de condições sociais e oportunidades. Se você colocar esse adolescente na prisão, ele não vai sair de lá uma pessoa melhor.

Mustafa Gomes, estudante de Publicidade e Propaganda

Mosaico PUC-SP

O projeto de lei da terceirização

A Câmara dos Deputados aprovou, dia 8/4, o texto-base do Projeto de Lei 4.330, que permite às empresas ampliar a terceirização, das atividades-meio (como é hoje) para as atividades-fim. Diante da repercussão negativa na sociedade (o próprio presidente do Senado, para onde o projeto segue após aprovação dos deputados federais, se manifestou contra a possibilidade de se terceirizar as atividades-fim), a votação dos destaques do PL 4.330 foi suspensa. Para repercutir a regulamentação dos serviços terceirizados, e seus impactos sobre os trabalhadores, **PUC-SP em Notícias** consultou professores de Administração, Direito e Sociologia. Leia os artigos nesta página. **(T. Pa.)**



Bete Andrade / ACI

O debate acirrado sobre o PL 4.330 esconde uma situação perversa. A proposta parece “contornar” a reformulação da Consolidação das Leis do Trabalho, assunto caro a parte considerável da população, especialmente sindicatos e partidos, focando num tema mais “palatável”. A terceirização precisa ser melhorada, mas o Congresso e os atores políticos fugiram do enfrentamento necessário e buscaram um atalho jurídico.

Do ponto de vista da gestão: seria possível terceirizar atividades-fim sem perder qualidade e foco no cliente? Os livros dizem que não. A terceirização das centrais de atendimento ao consumidor, por exemplo, apesar da aparente otimização, gerou diversos problemas – e o desgaste no relacionamento tem causado o crescimento das estruturas e consequente aumento dos custos operacionais e até perda de clientes.

Há ainda o risco do funcionário terceirizado se tornar equivalente ao imigrante: mão de obra necessária para a economia, mas tratado como um cidadão de segunda categoria, com benefícios e proteção social restritos e discriminado por parte da população nativa. A provável mudança jurídica implicará na necessidade de mudança na cultura e na *praxis* das empresas, em termos das relações com a força de trabalho, independentemente da modalidade do contrato.

Prof. Marcelo Vieira Graglia

Departamento de Administração, FEA



Acervo pessoal

A terceirização é transferência da produção de bens ou serviços a outro, ou seja, é a descentralização das atividades de uma empresa diante da necessidade de especialização e aperfeiçoamento. Seu objetivo não é propriamente reduzir custos, mas melhorar a produtividade e a qualidade dos serviços.

No Brasil, não existe lei sobre a terceirização. Litígios nessas situações e definições sobre sua licitude são normatizados pela Súmula 331 do TST, que considera legal a terceirização em vigilância, conservação, limpeza e serviços ligados a atividades secundárias da contratante. Segundo o TST, não é lícita a terceirização da atividade-fim, mas apenas de atividades-meio.

O Projeto de Lei nº 4.330/2004, em votação no Congresso Nacional, altera esse entendimento: as empresas poderiam terceirizar qualquer atividade. Isso pode levar à diminuição dos salários e a um aumento de reclamações trabalhistas, porque, ao terceirizar, a contratante não pode exigir que o trabalhador seja sempre o mesmo nem pode dirigir diretamente o serviço. Havendo pessoalidade e subordinação entre o empregado terceirizado e a empresa tomadora dos serviços, o vínculo empregatício se formaria diretamente com a contratante, sendo fraudulenta a terceirização.

Profa. Fabíola Marques

Docente de Direito do Trabalho e Direito Processual do Trabalho da PUC-SP



Thiago Pacheco / ACI

O texto-base do Projeto de Lei 4.330, aprovado pela Câmara em 8/4, foi considerado o marco regulatório das relações de trabalho entre empresas contratantes e terceirizadas. Permite a terceirização de todas as atividades das empresas e as tornam responsáveis pelo pagamento de parte dos impostos e contribuições federais, além de as obrigarem a estender vários benefícios (alimentação, ambulatório e transporte) que distribuem aos seus próprios trabalhadores aos profissionais terceirizados e a zelar por sua segurança, higiene e saúde. Prevê ainda a criação de um fundo-caução para garantir o pagamento de todos os direitos trabalhistas estabelecidos em legislação, garantindo a validade de acordos coletivos e convenções das categorias profissionais. A polêmica reside no fato de que a terceirização das atividades-fim permite às empresas demitir seus próprios trabalhadores e terceirizar todos os seus serviços, pagando salários bem inferiores àqueles que sempre pagaram.

No entanto, deve-se reconhecer que a terceirização é uma realidade no Brasil há pelo menos duas décadas e, como está, seus 12 milhões de trabalhadores não têm segurança jurídica alguma. Ou se proíbe definitivamente esta relação de trabalho ou se discute e aprimora sua regulamentação.

Profa. Noêmia Lazzareschi

Departamento de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais



Campus Santana Família e Nova Evangelização

A aluna Carla Felício, do 2º ano do curso de Teologia do campus Santana, esteve presente na palestra *Os Desafios à Família e a Nova Evangelização*, ministrada pelo monsenhor Lívio Melina, professor titular de Teologia Moral e presidente do Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimônio e Família da Pontifícia Universidade Lateranense (Roma). Leia abaixo o breve depoimento que ela escreveu para o jornal **PUC-SP em Notícias** sobre o evento, que foi realizado no final de março pelo Núcleo Fé e Cultura.

O auditório do campus Santana tem capacidade para 300 pessoas e estava praticamente lotado. A maioria do público era de alunos do curso de Teologia.

O monsenhor iniciou a reflexão sobre a família pelo horizonte dogmático. Em seguida, percorreu as questões pastorais levantadas pela primeira etapa do Sínodo para as Famílias (finalizada em outubro de 2014), abordou os ensinamentos de João Paulo II e finalizou com o tema do ano da misericórdia proposto pelo papa Francisco.

Segundo o monsenhor Lívio, os desafios da família nos dias de hoje são superar a crise de uma ideologia que vai contra ela e está instalada na sociedade e vivê-la como a superabundância do dom de Deus.

Estavam presentes naquela noite o bispo Dom Carlos Lema Garcia (vigário episcopal para a Educação e a Universidade), Dom Sérgio de Deus Borges (bispo auxiliar da Região Episcopal Santana), os professores padres Valeriano Costa (diretor da Faculdade de Teologia) e Denilson Geraldo (coordenador do curso no campus Santana) e o padre Rafael Fornasier (assessor da comissão “Vida e Família” da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB).



Monsenhor Lívio (ao centro) falou sobre os desafios e as perspectivas para a família na atualidade

Pós em Tidd: aula magna Sobre a cultura da transparência

O Pós em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (Tidd) recebeu, em 31/3, o professor Derrick de Kerckhove, para ministrar a aula magna do programa. Durante o evento, o pesquisador discorreu sobre o modo como a sociedade globalmente imersa na cultura digital está tornando o indivíduo transparente e como hoje em dia as mídias sociais já não estão mais sob o controle dos usuários – sem que eles tenham consciência disso. Ele falou também sobre o conceito de “inconsciente digital”, seu poder e como ele nos guia. Professor emérito no Departamento de Francês na Universidade de Toronto, onde dirigiu o *McLuhan Program in Culture & Technology*, Kerckhove esteve no Brasil para ministrar a conferência inaugural do 14º Congresso Ibero-americano de Comunicação, que aconteceu de 31/3 a 2/4 na ECA-USP. A atividade na PUC-SP surgiu em convite da professora Lucia Santaella (Pós em Tidd e em Comunicação e Semiótica).

“Fico muito feliz que ele tenha atendido meu convite. Essa conferência foi um presente para a PUC-SP, em especial para os alunos do Tidd”, avalia. “O pensamento de Kerckhove é ultra-atualizado. Renomado mundialmente, ele nos mostra os lados da complexidade do mundo digital e consegue ver caminhos de superação das grandes contradições. E a participação do público foi extraordinária, perguntas inteligentes realizadas por pessoas preparadas para receber esse tipo de informação”, afirma a professora. (B. A.)



Para Kerckhove, as mídias sociais já não estão mais sob controles dos usuários – e eles nem se deram conta disso

Campus Sorocaba

Enfermagem no combate à dengue

Ewerton Vianna

Oitenta estudantes de Enfermagem da PUC-SP estão reforçando o atendimento no segundo centro de monitoramento da dengue, na Zona Norte de Sorocaba. A cidade vive o maior surto de dengue de sua história, com mais de 40 mil casos notificados e 15 mortes.

Os trabalhos começaram em 15/4, com a presença do prefeito, Antônio Carlos Panunzio, e do secretário da Saúde, Francisco Antônio Fernandes. “Estamos preocupados com a situação da Zona Norte, por isso criamos mais um centro de monitoramento. O reforço dos alunos será essencial nas próximas semanas”, afirmou Fernandes. A participação dos graduandos da Universidade iria até 8/5.

Sob a coordenação da Secretaria Municipal da Saúde, os futuros enfermeiros ajudam na recepção e triagem dos doentes, com o auxílio de médicos do Exército. O plano é reduzir o tempo de espera nas unidades básicas de saúde. A expectativa é atender 250 pessoas por dia no local – se houver maior demanda, o secretário da Saúde diz que é possível potencializar os serviços.

A professora Dirce Setsuko Tacahashi, coordenadora do curso, explica que participam da iniciativa graduandos do primeiro ao quarto ano que já possuem prática no atendimento à população. Para ela, além de contribuir com a saúde dos pacientes, o trabalho junto à comunidade favorece o amadurecimento humano e acadêmico. “São vivências importantes que reforçam valores como solidariedade e cidadania”, ressalta Dirce.

Jailson dos Santos, que está no quarto ano, acredita que a iniciativa preparará os estudantes para exercerem com técnica e experiência a profissão. “Aprendemos a fazer a triagem dos pacientes, identificar os casos mais urgentes e lidar com uma grande quantidade de pessoas. Tudo isso fará parte do nosso dia-a-dia, e é importante que estejamos prontos.”

Além dos estudantes puquianos, atuam no local, instalado na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, profissionais e graduandos de outras duas universidades do município.



SINTOMAS DA DOENÇA

A primeira manifestação é a febre alta (39° a 40°C) de início abrupto, acompanhada de dor de cabeça, dores no corpo e articulações, prostração, fraqueza, dor atrás dos olhos, erupção e prurido cutâneo. Perda de peso, náuseas e vômitos são comuns. Entre o 3° e 7° dia da doença, alguns casos irão evoluir para recuperação e cura; outros, porém, podem apresentar sinais de evolução para formas graves da dengue: sangramentos (nariz, gengivas), dor abdominal intensa e contínua, vômitos persistentes, letargia, sonolência ou irritabilidade, hipotensão e tontura.

*Fonte: Portal do Ministério da Saúde (<http://portalsaude.saude.gov.br>)



Ewerton Vianna / SZS Comunicação

A profa. Dirce Tacahashi (de calça amarela), ao lado de alguns dos estudantes da PUC-SP que ajudam no atendimento à população sorocabana

Mesa redonda

Violência doméstica em debate



Ewerton Vianna / SZS Comunicação

Maria Maria: discussão sobre abusos domésticos com a presença de profissionais de diferentes áreas

O campus Sorocaba recebeu a terceira edição do projeto *Maria Maria*, mesa-redonda promovida por estudantes e profissionais de Medicina e Direito para discutir violência doméstica. O tema abordado dia 31/3 foi o perfil psicossocial do agressor.

Para Amanda Guedes, aluna de Medicina e uma das organizadoras, é essencial saber identificar o momento em que a violência se instala. “Sobretudo as mulheres, que muitas vezes não denunciam o companheiro por medo ou por desconhecer seus direitos”, afirmou.

A advogada Cíntia de Almeida, fundadora do Centro de Integração da Mulher de Sorocaba (CIM Mulher), destacou que mais de 50% das brasileiras sofrem algum tipo de violência

dentro de casa. Segundo ela, o homem não nasce agressor, mas desenvolve tal conduta devido a más experiências vividas na infância e ao longo da vida.

De acordo com a psiquiatra Elaine Henna, o comportamento agressivo faz parte da natureza humana e o que determina se o indivíduo será violento ou não são suas vivências. “A idade entre dois e quatro anos é uma etapa crítica. Nesse período, agressão, abusos sexuais, alcoolismo, drogas na família e conflitos entre os pais ficam armazenados no inconsciente, refletindo no futuro”, explicou.

A quantia arrecadada com a mesa-redonda será destinada ao CIM Mulher, entidade filantrópica que desde 1997 oferece atendimento a mulheres vítimas de violência e seus filhos. **(E.V)**

Empresas juniores

PUC Jr.: porta para o mercado de trabalho

Ingressar na PUC Jr. Consultoria, empresa júnior da Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais (FEA), é visto como um passo importante para conquistar o emprego dos sonhos. “A gente aprende a se portar em uma reunião, como falar com um gestor. É uma porta de entrada para a carreira”, afirma Lucas Marques Anhaia, diretor de Marketing da organização e aluno de Administração.

Formada e gerida por estudantes da FEA há mais de 20 anos, a entidade tem entre os clientes micro, pequenas e médias empresas, dos mais variados segmentos, além de pessoas que buscam orientação para abrir o primeiro negócio.

A divisão das tarefas é feita por áreas: Institucional, que cuida da relação com a PUC-SP e parcerias; Marketing, que trabalha com a imagem da PUC Jr. frente a clientes e alunos; Projetos, que realiza as consultorias. O carro chefe é o setor de Recursos Humanos, que faz o acompanhamento dos estudantes. Mas como o intuito é exercitar mais do que a experiência na profissão, a empresa possui uma área de Responsabilidade Social. Há ainda as áreas Financeira e de Eventos, que organiza o *Trote Solidário* e a *Semana do Empresário*, entre outros encontros.

Para a diretora de Projetos, Maria Clara Mancilha, aluna de Economia, a PUC Jr. vai muito além do campo profissional. “É um complemento ao curso, junta teoria e prática. Aqui descobri novos horizontes. Fora a autonomia e o poder de decisão que não teria num estágio”.

Para fazer parte da PUC Jr., os interessados participam de uma seleção semestral. Mais informações no site www.pucjunior.com. **(M.F.)**



Thais Polato / ACI

Trote Solidário 2015: uma das atividades da área de Responsabilidade Social da PUC Jr.

Empresas juniores 2

Consultoria internacional

A Prisma Consultoria Internacional é a empresa júnior do curso de Relações Internacionais. Criada e gerida por alunos de graduação, ela tem como meta o desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional dos seus membros.

O estudante Yuri Arabadgi, presidente da Prisma, explica o trabalho: “quando uma empresa brasileira não tem mais como se expandir no país e decide se internacionalizar, fazemos levantamento de mercados potenciais e quais distribuidores e varejistas seriam viáveis. A partir dessa análise, montamos uma lista de contatos e mediamos as negociações”. Entre os clientes estão empresas como Stalo (móveis), Inoa (softwares) e Tchocco (calçados femininos).

Arabadgi conta que, na empresa, o aluno vive experiências que no mercado de trabalho só seriam possíveis depois de muitos anos. “A participação na Prisma é uma boa oportunidade para se desenvolver”, diz. “Realizamos um trabalho sério e somos rígidos em relação à postura profissional. Mas não temos a cobrança e a pressão do mercado de trabalho. Somos todos estudantes de RI e estamos num ambiente de aprendizado e troca de experiências”, esclarece. Fundada em 2005, a Prisma é coordenada pelo professor Geraldo



Arquivo Prisma Consultoria Internacional

Membros da Prisma (empresa júnior de Relações Internacionais), reunidos em frente ao Tuca

Zahran (Depto. de Relações Internacionais). Os membros são escolhidos em processo seletivo, que ocorre duas vezes ao ano. A sede fica no subsolo do prédio novo. Ali são realizadas reuniões e atendimento a clientes; contudo, a maior parte do trabalho é realizada em *home office*, por meio de vídeo conferência. Para saber mais, curta: www.facebook.com/prismainternationalconsulting. **(B.A.)**



Palavra da reitora

A pesquisa é um dos pilares da PUC-SP. Este mês, temos duas auspiciosas notícias para dar à comunidade em torno do tema.

A primeira delas é a inclusão da PUC-SP no CAFe, serviço da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) que permite o acesso remoto ao conteúdo assinado do Portal de Periódicos da CAPES. Com a inclusão, professores e funcionários podem acessar todo o conteúdo do Portal de Periódicos da CAPES diretamente de suas casas ou de dispositivos particulares. Em breve, nossos alunos também poderão realizar o acesso remoto ao Portal de Periódicos.

A outra boa notícia que me alegro em dividir com toda a comunidade diz respeito ao oferecimento de nove modalidades de fomento à produção científica do Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEq). As inscrições ocorreram até o início deste mês de maio e contemplaram as modalidades Publicação de Periódicos; Congressos Nacionais; Congressos Internacionais; Reserva Técnica; Equipamentos - Pesquisador Individual; Equipamentos - Núcleos/ Grupos de Pesquisa; Capacitação Docente; e Estágios no Exterior de Curta Duração. Ainda estão abertas as inscrições na modalidade Publicação de Artigos, até 30/6.

Esta é a nossa Universidade, cada dia mais trabalhando para fortalecer o tripé pesquisa, ensino e extensão, que tanto a caracteriza e diferencia no universo educacional brasileiro.

Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Reconhecimento PUC-SP se destaca em ranking internacional

“Arte e Design”, “Línguas Modernas”, “Educação” e “Comunicação e Estudos de Mídia”: estes são os quatro campos da PUC-SP que aparecem no ranking de universidades por área de conhecimento realizado pela consultoria britânica Quacquarelli Symonds (QS). Nesta edição, foram avaliadas 3.551 universidades ao redor do mundo. Destas, apenas 894 instituições foram ranqueadas no levantamento, que considera critérios como citações de pesquisas, reputação acadêmica e entre empregadores.

“Ficamos muito satisfeitos com esse ranqueamento, porque a Faficla é composta de várias áreas que são estruturantes e têm importância para toda a Universidade. Nossa Faculdade não agrega apenas cursos, mas uma junção de campos que realizam uma produção científica interdisciplinar”, afirma o professor Márcio Alves da Fonseca, diretor da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes (Faficla), que reúne três das quatro categorias em que a PUC-SP aparece.

A melhor posição da Universidade é a de “Arte e Design” (entre as 100 melhores). “Trata-se do reconhecimento a um trabalho sério em um campo no qual temos tradição em pesquisa, com diversos grupos, e que mais recentemente investiu também na graduação (Arte: História, Crítica e Curadoria e Comunicação das Artes do Corpo)”, avalia. “Esse re-

sultado mostra como a Faculdade está atenta ao tempo presente e se mantém aberta a novas possibilidades de formação superior”, completa.

Já as “Línguas Modernas” da PUC-SP aparecem pelo terceiro ano consecutivo no ranking (posição de 151 a 200). Para a diretora adjunta da Faficla, professora Angela Lessa, isso se deve à qualidade das pesquisas e à internacionalização da graduação em Letras e da pós-graduação da Instituição. “Nossos cursos têm um olhar que vai para além da língua em si e se volta principalmente para a cultura, o modo de viver e se constituir em sociedade. Além disso, temos um compromisso social com a formação de professores de ensino básico, por meio de projetos de extensão e parcerias com escolas públicas”, afirma.

A Faficla reúne, ainda, a categoria “Comunicação e Estudos de Mídia”; nesta e em “Educação”, a PUC-SP ficou acima da posição 200. A professora Neide Noffs, diretora da Faculdade de Educação, considera que o resultado expressa a produção científica “inovadora e de qualidade” desenvolvida na graduação e na pós-graduação da unidade e as atividades de intervenção em escolas e ONGs. “Nosso esforço é o de ouvir a realidade e produzir conhecimento para transformá-la, por meio de iniciativas diversificadas que consideram a complexidade dos atos de ensinar e aprender”, complementa. **(T. Pa.)**



Universidade aparece em quatro dos 36 campos de conhecimento avaliados pela QS em 2015: “Arte e Design”, “Línguas Modernas”, “Educação” e “Comunicação e Estudos de Mídia”



Peça de Bertolt Brecht Denise Fraga volta ao Tuca



Galileu Galilei é o quarto espetáculo de Denise Fraga no teatro da PUC-SP

Bete Andrade

“Essa aqui é a minha casa”: é assim que Denise Fraga se refere ao Tuca para Sergio Rezende, diretor do teatro. De maio a agosto, a atriz apresenta em sua “casa” *Galileu Galilei*, de Bertolt Brecht. “Fico feliz em retornar. Aqui tem um astral ímpar, além de tudo o que representa para a cidade. E acho lindo montar esse espetáculo no teatro da PUC-SP, exatamente no seu cinquentenário”, declara Denise, em sua quarta passagem no Tuca.

A peça mostra o período em que Galileu constrói um telescópio melhor que os existentes e explora os céus até comprovar que o Sol é o centro do Universo e a Terra se move e gira em torno dele. Brecht coloca em xeque o herói, seu significado social e a discutível necessidade de sua existência numa sociedade que compromete sua liberdade em meio a inevitáveis jogos de poder. “Eu quis fazer a montagem porque amo esse texto”, diz Denise. “Galileu é um cientista que prova uma teoria e tem que negar isso para não ir à fogueira. A gente hoje vive um processo semelhante, em emaranhados que nos fazem desistir de nossos ideais”, pondera. O espetáculo, de forma profunda e divertida, faz meditar sobre o que somos, o que viramos, o quanto abandonamos de nós, a tirania do poder econômico, a liberdade de escolha e o preço a pagar por ela. Para a atriz, o que torna a peça especial é a capacidade de Brecht de fazer rir ao mesmo tempo em que promove a reflexão: “Ele falava, nos seus diários, em ‘divertir para comunicar’, e é uma frase com a qual me identifico muito. Quando consigo isso me sinto feliz com meu ofício”.

A direção artística de *Galileu Galilei* é de Cibele Forjaz e o elenco traz Ary França, Silvio Restiffee, Rodrigo Pandolfo, Maristela Chelala, Jackie Obrigon, Lúcia Romano, Vanderlei Bernardino, Luís Mármore e Théo Werneck. As sessões podem ser vistas às sextas-feiras e sábados (21h) e aos domingos (19h). Professores, alunos e funcionários assistem às peças do Tuca por apenas R\$ 10. Para conferir as novidades do cinquentenário, acesse o site www.teatrotuca.com.br.

#CuriosidadePUCSP O piano da Biblioteca

Um mistério circula pelos corredores da PUC-SP: quem teria doado o piano da biblioteca do campus Monte Alegre? Localizado no canto esquerdo do saguão de entrada, o instrumento chama a atenção de quem passa pelo térreo do prédio novo, principalmente quando alguém arrisca algumas notas. A aluna de Psicologia Larissa Paula de Moraes conta que o viu durante o trote e ficou encantada. “É diferente ver um piano na Universidade. Achei sensacional! Esse apelo para a música e a cultura é muito bacana”, contou Larissa, enquanto dedilhava trechos de “Imagine”, de John Lennon, para a colega Bianca Lima de Oliveira.

Pouco se sabe sobre a origem da peça. Segundo o bibliotecário Maurício Thadeu Rodrigues Alves, a doação teria sido feita no ano 2000. “Não sabemos exatamente quem deu, apenas que seria uma professora da Faculdade de Educação. Aceitamos justamente porque a ideia do saguão da Biblioteca é que seja um espaço cultural, com exposições e música”.

Apesar de receber “afagos” frequentes, o piano tem recebido críticas por causa do som. Larissa aproveitou a reportagem do **PUC-SP em Notícias** para fazer um apelo: “Adoro o instrumento, mas está desafinado de doer os ouvidos. Tem diversos talentos aqui na PUC-SP, e com um som legal com certeza ia ter mais gente interessada em tocar”. (M. F.)



Larissa Paula de Moraes, da Psicologia: uma das alunas que utilizam o instrumento no Espaço Cultural da Biblioteca



Internacionalização Conhecimento “in English”

Ter uma experiência internacional na graduação, cursando uma disciplina totalmente em língua inglesa, mas sem sair do Brasil ou do campus Monte Alegre. Esta realidade já existe e contribui para a PUC-SP e seus alunos vivenciarem ambientes estrangeiros. Desde 2011, há optativas em inglês: *Macroeconomics of Imbalance: Latin America from debt crisis to monetary stabilization* (prof. Fernando Ribeiro, Economia), *Training for impact: developing people in organizations* (prof. Fabrício Bastos e prof. João Monteiro, Administração), *Brazilian Economy* (profa. Cristina Helena Pinto de Mello, Economia), *Strategic management: integrating theory and practice* (prof. José Américo Martelli Tristão, Administração) e *International Arbitration* (prof. Claudio Finkelstein, Direito). A Pró-Reitora de Graduação, Margarida Limena, afirma que esta é uma das ações previstas na

internacionalização da Universidade. “Ampliar situações diversificadas de mobilidade em instituições de educação superior estrangeiras é uma das metas do nosso Plano de Desenvolvimento Institucional. Queremos expandir a todas as áreas, como um aperfeiçoamento no processo de formação”, ressalta.

O prof. Antonio Manzatto, assessor de Assuntos Internacionais e Institucionais (ARII), considera que cursar disciplinas em língua estrangeira dá a oportunidade de penetrar em ambientes internacionais: “A PUC-SP incentiva o aluno a abrir o espírito e os olhos para a vivência globalizada”. Patricia Shiroma, da ARII, ressalta ainda que pode ser uma ocasião para conviver com estudantes de outros países. “Muitos intercambistas estrangeiros se inscrevem nestas optativas e tornam o convívio em sala de aula ainda mais internacionalizada”, afirma.

A professora Cristina Helena testemunhou a integração. “Na disciplina *Brazilian Economy*, ao discutirmos como o Brasil reagiu ao segundo choque do petróleo, estudantes franceses, italianos e portugueses mostraram como a reação na Europa foi diversa. Além disso, havia alunos iranianos que participaram de uma experiência rigorosamente oposta, afinal, o Irã é um dos grandes exportadores de petróleo”, conta. Formado em Direito em 2014, Caio Pazinato Ramos participou da disciplina pioneira em língua inglesa na Universidade, a *International Arbitration*. Para ele, “o estudo da arbitragem comercial internacional, apesar da existência de grandes obras em português, não pode deixar de compreender a doutrina e a jurisprudência de fora do país”. Caio fez parte, na temporada 2012/2013, da equipe de estudantes que participa de competições de arbitragem, sob orientação do prof. Claudio Finkelstein. **(T.P.)**



Caio participou da disciplina pioneira da PUC-SP em língua inglesa e integrou a equipe de competições internacionais de arbitragem – nesta foto, em moot na Áustria

Expediente

Grão-chanceler: Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo

Reitora: Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Vice-reitor: Prof. Dr. José Eduardo Martinez

Pró-reitores:

Profa. Dra. Alexandra Fogli Serpa Geraldini (Educação Continuada)

Prof. Antonio Carlos Gobe (Planejamento, Desenvolvimento e Gestão)

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (Cultura e Relações Comunitárias)

Profa. Dra. Maria Amália Pie Abib Andery (Pós-Graduação)

Profa. Dra. Maria Margarida Cavalcanti Limena (Graduação)

Chefe de Gabinete: Prof. Dr. Lafayette Pozzoli

Assessoria de Comunicação Institucional (ACI)

Assessor de Comunicação: Claudio Junqueira (MTb 43.193)

Coordenadora: Thaís Polato (MTb 30.176)

Editor: Thiago Pacheco (MTb 45.691)

Reportagem: Bete Andrade (MTb 77.750) e Mara Fagundes (MTb 63.091)

Projeto gráfico e editoração: Dialogo Comunicação

Impressão: Arcian Comunicação Visual

Tiragem: 3.000 exemplares

Redação: Rua Monte Alegre, 984, sala T-34 - Perdizes, São Paulo, SP
CEP 05014-901 - Tel.: (11) 3670-8002 e 3670-8003

E-mail: imprensa@pucsp.br



Entrevista do Mês **Moacir Assunção, mestre em História pela PUC-SP**

São Paulo deve ser destruída

Thaís Polato

Uma ironia da história e algumas ironias do destino levaram o jornalista Moacir Assunção a escrever o livro *São Paulo deve ser destruída: a história do bombardeio à capital na revolta de 1924* (ed. Record). A obra acaba de ser lançada e aborda uma batalha menos divulgada do que a Revolução de 1932, mas que teve grande impacto para a população comum: 503 pessoas morreram e quase 5 mil ficaram feridas nos combates, 70% civis. “Quis dar voz a pessoas simples que foram vítimas da revolta, embora não tivessem se revoltado nem apoiado o movimento”, afirma o escritor. O livro é fruto da dissertação defendida por Moacir na PUC-SP, sob orientação da professora Estefânia Fraga. Leia a entrevista e descubra quais ironias levaram Moacir a escrever a obra.

Quais os principais objetivos de sua pesquisa sobre a segunda revolta tenentista?

Procurei fazer algo diferente. Em vez de contar a história das pessoas poderosas e mais conhecidas, pretendi, como propõe a História Nova, relatar o que passaram os “de baixo”. Pessoas comuns, como operários, carroceiros, choferes e chacareiros, que foram vítimas da revolta, embora não tenham se revoltado ou apoiado o movimento. Em alguns casos, eles sofreram com os rebeldes e o governo. Mas na maior parte das situações, o governo foi o grande vilão ao bombardear as casas e mandar aviões e tanques de guerra contra a capital paulista, repetindo em escala menor o que fizera contra Canudos, na Bahia.

Que tipo de material examinou? Houve dificuldade para coletar os dados?

Isso foi uma enorme ironia. Viajei para Rio de Janeiro (Arquivo do Exército), Brasília (Arquivo da Marinha), Belo Horizonte (Arquivo Público Mineiro) e Campinas (Arquivo Edgar Leuenroth) para procurar material em que as pessoas contassem seus dramas durante a revolta. Mas fui encontrá-lo aqui no Ipiranga, onde funciona a unidade da PUC-SP e o Museu da Cúria Metropolitana. O arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva era o presidente de uma comissão que analisava os depoimentos das vítimas do bombardeio e arbitrava indenizações. As vítimas e seus parentes encaminharam para ele cartas detalhando seu sofrimento.

Quais as descobertas mais interessantes?

Trazer à superfície a história dessas pessoas, que foram vítimas, em sua própria casa, da violência do governo. Percorri, também, todos os lugares atingidos pelo bombardeio e percebi que ainda sobram marcas, passados quase 91

anos, daquele episódio. Isso é curioso, numa cidade que se destrói e se reconstrói a cada dez anos, como é São Paulo.

Qual era o contexto histórico-político no Brasil?

O Brasil vivia um momento ímpar, de grande contestação do presidente Arthur Bernardes, que assumiu o mandato tendo contra si setores militares. Já havia ocorrido o episódio dos 18 do Forte, em 1922, em que rebeldes militares marcharam contra o governo anterior, de Epitácio Pessoa, e foram trucidados. Os remanescentes estavam em São Paulo e decidiram organizar a segunda revolta, agora com apoio de parte da Força Pública (atual PM). Havia muito descontentamento entre a população em consequência do estado de sítio que perdurava, da inflação e da falta de liberdade de imprensa. Havia ainda profundas mudanças em todo o mundo, como a Revolução Russa, que teve influência no Brasil por causa da ação de grupos anarquistas, e a 1ª Guerra Mundial. Era um momento que prenunciava grandes transformações e em que o Estado demonstrava sua face autoritária, com a criação de uma legislação de exceção e de órgãos de controle como o Dops e a polícia política. Na verdade, o viés autoritário do futuro Estado Novo se iniciou na Revolução de 1924.

Como as pessoas comuns viveram o horror da guerra e suas consequências?

Com surpresa e dor. Elas não esperavam que o governo resolvesse usar uma tática no mínimo questionável – para não dizer cruel, criminosa e ineficaz – de atacar a cidade para que a população expulsasse os rebeldes. O fato é que estes quase não foram atingidos, ao contrário da população civil. Morreram 503 pessoas e quase 5 mil ficaram feridas nos combates, 70% civis. É possível que este número seja bem maior porque muita gente foi enterrada em terrenos baldios, chácaras e praças. Da população de cerca de 700 mil pessoas, perto de 300 mil fugiram. Foi um período de grande sofrimento para os paulistanos, especialmente os mais pobres, que moravam nos bairros conflagrados da Moóca, Brás, Penha, Belenzinho, Ipiranga e Cambuci.

Quais as consequências da revolta para a cidade?

São Paulo era a segunda cidade do país depois da capital federal Rio de Janeiro. Tinha população significativa de operários, boa parte imigrantes italianos, espanhóis e portugueses. Disponha de um parque industrial considerável. As consequências foram terríveis. A Prefeitura listou 2 mil prédios destruídos ou severamente danificados. A morte de tanta gente e a insegurança, além da repressão posterior ao levante, que atingiu principalmente trabalhadores, trou-



Divulgação

xeram muitos problemas. A capital levou alguns anos para se refazer, ao menos parcialmente, desse trauma.

Por que decidiu transformar a dissertação em livro?

Era um projeto antigo. Pesquiso a Revolução de 1924 há alguns anos, antes de começar o mestrado na PUC-SP – que, aliás, foi muito importante para coroar o processo, graças à dedicação da minha orientadora, a professora Estefânia Fraga. A ideia era permitir que todos tivessem acesso ao material, que não deveria ficar restrito à Academia e completar uma trilogia. Tenho uma obra sobre Lampião (*Os homens que mataram o facinora*), que foi finalista do *Prêmio Jabuti*, e outra sobre Guerra do Paraguai (*Nem heróis nem vilões*). Discorri sobre um tema latino-americano (a guerra), um nacional (o cangaço) e um local (a Revolução de 1924). Há curiosidades que me ajudaram a partir para a pesquisa: estudei em duas escolas que homenageavam personagens da Revolução (Juarez Távora e padre Antônio Jorge), dou aula em uma universidade na Moóca, um dos locais atingidos pelo bombardeio, e trabalhei em um prédio onde ficava a casa de Macedo Soares, defensor da cidade no episódio e presidente da Associação Comercial. Sempre tive vontade de pesquisar mais e escrever sobre o tema, que me fascina desde que era um jovem repórter e mantinha a coluna “Conheça Seu Bairro” no extinto *Diário Popular*. Para mim, revolução paulista era a de 1932. Fui perceber que 1924 foi mais cruenta do que a chamada Revolução Constitucionalista, embora essa integre os marcos da paulistaneidade e aquela tenha sido condenada ao esquecimento. É uma ironia da história.